

ANUNCIOU A ALEGRIA DO EVANGELHO

Pedro Vaz Patto

Escrivi a primeira versão deste editorial, poucos dias depois de o Papa Francisco ter recebido alta hospitalar. Quis então salientar o que li de comentadores e ouvi a pessoas comuns, das mais variadas convicções: a voz de Francisco faz falta no mundo de hoje, pois parece que cada vez são mais acentuados os males contra os quais se tem feito sentir essa voz, que com frequência parece uma “voz que clama no deserto”. E indiquei aspetos em que se nota a falta que faz a voz deste Papa:

Fazem falta os seus apelos à paz, quando parece que devemos desistir de um mundo regido pelo direito internacional, devemos perder os progressos feitos nesse sentido depois das guerras do século passado e regressar aos conflitos de poder onde rege a lei do mais forte e a guerra se banaliza. Fazem falta os seus apelos ao acolhimento de imigrantes e ao diálogo entre culturas, quando crescem as forças que hostilizam o estrangeiro e colocam os egoísmos nacionais acima da ética e da fraternidade universal. Fazem falta os seus apelos ao amor preferencial pelos pobres, quando as pessoas mais ricas do mundo parecem querer ditar, ilegítima e imperialmente, os destinos de todos nós de acordo

com os seus interesses. Fazem falta os seus apelos ao cuidado da casa comum, quando esmorece a preocupação pelo futuro do planeta. Fazem falta os seus apelos à defesa da vida humana em todas as suas fases, da concepção até à morte natural, quando são cada vez mais os países com leis em sentido contrário.

Hoje, poucos dias depois do fim da vida terrena do Papa Francisco, e quando são ainda mais as pessoas que manifestam a sua estima por ele, parece-me de salientar o que está na raiz da sua mensagem e do seu testemunho. Reli a sua primeira exortação apostólica, a *Evangelii Gaudium*, onde ele expôs as linhas que viriam a orientar o seu pontificado. E lembrei o que ele então indicou como prioritário: anunciar a alegria do Evangelho, a boa nova do amor de Deus por todos e cada um de nós.

Já aí ele afirmava (e isso ajuda a eliminar interpretações incorretas de quem o critica e de quem o elogia): «(...) *algumas questões que fazem parte da doutrina moral da Igreja ficam fora do contexto que lhes dá sentido. O problema maior ocorre quando a mensagem que anunciamos parece então identificada com tais aspetos secundários, que,*

apesar de serem relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo. Portanto, convém ser realistas e não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio. (...) Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa.»

E foi isso que ele fez, através da palavra, mas também com a eloquência dos gestos. Foi, sobretudo, esse testemunho que fascinou tanta gente, até os habituais críticos da Igreja Católica. Como quando, por exemplo, nos últimos dias da sua vida, já quase sem forças, não deixou de visitar os reclusos da maior prisão de Roma: o mais eloquente testemunho de amor para com os que mais sofrem. ■